

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

apresenta

**NAU
CATAFRINETA**

de Altimar Pimentel



**Forum da Cultura
quarta a domingo
20:30h**

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO

33 anos de teatro
apresenta

Viva a Nau Catarineta

de
Altimar Pimentel

Universidade Federal de Juiz de Fora
Forum da Cultura
1999

Uma barca de canções

José Luiz Ribeiro

O teatro brasileiro tem no espetáculo musical uma grande tradição. A música construiu a imagem de um país alegre que uniu as etnias nacionais. Quer na tradição da revista, das operetas ou das burletas, o musical tem sido um gênero que fascinou nossos avós e, até hoje, nos encanta. A tradição popular nos legou cantorias e danças dramáticas. *Viva a Nau Catarineta*, de Altimar Pimentel, é um musical que resgata a tradição nascida das narrativas populares.

Dentre as diversas manifestações populares que nos chegaram da tradição ibérica, o episódio de *A Nau Catarineta* é um dos mais expressivos. As narrativas sobre marujos perdidos no mar, numa tradição que retoma a *Odisséia*, reassumem, modernamente, a aventura das grandes conquistas intergaláticas e a batalha do homem contra os desígnios da natureza.

A luta destes homens destemidos sugere dois temas recorrentes na literatura universal: a sedução do demônio, tentando conquistar almas desesperadas - o mito de Fausto - e o horror do homem europeu "civilizado" ao deparar com rituais antropofágicos selvagens, alheios a sua cultura e fechados ao seu entendimento.

O encarte de um CD, em produção de Altimar Pimentel, nos

remete ao tema falando que:

Às muitas glórias da aventura náutica portuguesa juntam-se sofrimentos sem contar que marcaram infortunadas naus e sua tripulações. Episódios como o de Jorge de Albuquerque Coelho, narrado na “História Trágico-Marítima”, e que teria inspirado o autor anônimo do “Romance da Nau Catarineta”, de D. Fradique de Toledo Osório, que dos 26 navios que compunham sua esquadra, ao retornarem a Portugal, apenas um chegou ao Tejo; de Pero Lopes, donatário da Capitania de Itamaracá, que incluía a Paraíba, e que nunca tomou posse do seu domínio pois mandado em missão à Índia, quando lá regressava, sua nau naufragou em Madagascar revelam sobretudo a fibra de um povo determinado que não fugiu do seu destino histórico.

Uma grande diversidade de manifestações de *Marujadas* surgem com adaptações regionais. Os referentes históricos dos marujos, do Capitão, do Rei Fernando e da Rainha Isabel são recheados de deliciosas invenções populares. Nesta obra de Altimar Pimentel temos uma visão sintética.

Os diabos são políticos em busca dos poderes coercitivos do mestre, que usa o chicote como meio de adestrar os marinheiros; o Capitão é o poder de mando em busca de bens econômicos, despistados pela retórica de uma grande missão e, por fim, a fala Jesuítica que, com o discurso de captar almas para a causa de Deus, ampliou o poder da Igreja Católica nas colônias portuguesas.

As malhas do autor

Maria Lúcia Rocha Ribeiro

Altimar de Alencar Pimentel é um homem da cultura. Nascido em Maceió, Alagoas, realizou sua vida profissional de jornalista, professor, teatrólogo e pesquisador do folclore sobretudo na Paraíba. Deixou que suas raízes tecessem as malhas da sensibilidade popular no seio da rica cultura nordestina. Mas transitou também por Brasília onde se fez jornalista.

Se ocupou importantes cargos na Paraíba, teve peças premiadas nacionalmente, esse reconhecimento deve-se a uma fidelidade que ele mesmo reconhece como “teúrica” a suas raízes próximas e originárias. Essa bipolaridade o faz buscar nas fontes dramáticas do teatro popular, nas narrativas culturais lusitanas, nas diferentes vertentes da saga e do cotidiano nordestino a maneira de contar o Brasil para os brasileiros.

A voz competente do grande homem de teatro do nordeste, B. de Paiva, teceu as malhas de um claro perfil de Altimar Pimentel. A ele passamos a palavra:

“Altimar,

alto-mar onde navegam, dentro de barcaças bem arrumadas no madeirame e de velas tão bem tecidas, os desenhos mais completos da dramaturgia popular. Ou da dramaturgia

erudita? Ou culta ? Ou clássica? Pois tudo isto, em qualquer nível, é o “teatro do povo”. O invento do brinquedo teatral nordestino, mistura do lúdico e mítico, do social e político (soma de Menandro, dos restos de Aristófanes e Plauto mais Terêncio; com os ‘roteiros’ que Goldoni codificou, e mais os quinhentistas de Espanha e Portugal – enfim, o riso que castiga e é moral, no seu valor maior de Ética). Este, repito, brinquedo teatral, de sólido valor social e político, teve e tem em Altamar Pimentel um dos mais sérios aperfeiçoadores na literatura brasileira; ou *reinventor*.”

Lúcidas palavras, que sem perder a poesia definem os traços de uma obra teatral numerosa que ora o autor organiza publicação conjunta. Entre elas sobressaem *A construção* (prêmio SBAT); *O auto da Cobiça*, *A última lingada*, *Coiteiros* – adaptação do romance de José Américo de Almeida, *Viva a nau catarineta*, *Pedro Corredor* e tantas outras. Com *Jornada do medo* (“Cemitério das Juremas”) o dramaturgo conquistou o Prêmio Oduvaldo Viana Filho, do teatro Opinião do Rio de Janeiro e com *Alamoia*, o prêmio Nacional de Dramaturgia SEC/INACEM , em 1982.

Esses são apenas alguns fios do vigoroso tecido da produção de Altamar Pimentel. Mas podem descortinar com propriedade o trançar de sua trama: olhos atentos aos caminhos e descaminhos de seu povo e sangue pulsante para transfundir força e vigor na coragem das raízes do registro dramático.

As trilhas do mar

José Luiz Ribeiro

Existe uma comunicação oficial que é registrada e dá origem ao que chamamos de História. Existe, porém, uma narrativa mítica, contada pelas camadas populares, que registra a visão dos que sofrem os combates do cotidiano. A lenda da Nau Catarineta registra o sofrimento dos homens do mar diante da fome, da privação e falta de rumo. Se nos Lusíadas temos o registro épico de “as armas e os barões assinalados” na Nau Catarineta temos a visão dos marujos. Esta visão, impregnada da nostalgia da alma portuguesa, nos mostra as grandes navegações, em seus acertos e desacertos.

A tradição de narrar a vida e a paixão destes marujos renascentistas celebra a alma aventureira do povo português que rasgando os mares entre “gente remota edificaram novos reinos”.

O drama intenso nascido em Portugal, passando pela Ilha da Madeira e por Açores, chega ao Brasil, invade o Nordeste e acompanhando a diáspora do povo nordestino chega a Minas Gerais , no Espírito Santo, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Batizada como Barca Maruja ou Marujada, esta dança Dramática congrega 80 personagens para criar a narrativa. Similar ao bumba-meu-boi, ao Corrupião e outras danças, esta narrativa ordena seus personagens numa relação de alteridade entre Portugueses e Mouros, entre patentes militares de oficialidade e a baixa marujada, entre cristãos e infiéis.

Altamar Pimentel deu as lendas uma visão lírica, semeando nos versos imagens metafóricas, construiu o texto entremeando diálogos a um mar de canções. A estrutura da dança dramática, inspiradora do texto, mantém-se viva em suas raízes

populares.

O autor reduziu a vasta lista de personagens do folclore, porém, conservou os personagens que são pontos fundamentais: o Capitão, o Mestre, o Padre e o Gajeiro. Todas personagens representativas do poder e, por isso, atacadas pelos diabos que dizem, na versão teatral, “adorar o poder”.

A história de uma nau atacada pelos diabos possui uma grande identidade com os modernos filmes de ficção científica, em que o mal invade naves espaciais para desviá-las de seu rumo. O Capitão, o Mestre e o Padre tornam-se reféns dos diabos que lhes ocupam o lugar, levando a embarcação aos descaminhos do mar.

As saloias, personagens femininos, pontuam, lyricamente com suas canções, a narrativa. A nau e a taverna são os espaços escolhidos pelo autor que começa a peça com a fala dos diabos o que lembra, no procedimento dramático, as três feiticeiras de *Macbeth*.

A angústia dos marinheiros, sorteados para o sacrifício de servirem de alimento para os companheiros esfomeados é cantada com rapidez. A narrativa dos romances populares é revivida por Altimar, reforçando, no teatro, uma atividade que chamaríamos de *para-folclórica*.

É bem verdade que reiventa a narrativa clássica, onde o Capitão não é o Demônio e é sorteado para o sacrifício. Em Altimar os três diabos são condutores da ação, como fariam os bufões. A brincadeira toma conta do drama.

Altimar Pimentel, como dramaturgo nordestino e estudioso do folclore soube, no texto, tirar partido dos conflitos entre o céu e a terra, entre os homens e seu destino aventureiro.

A Nau Catarineta faz parte dos romances do ciclo das grandes navegações. É a forma como o povo construiu, com sua memória, a história desses marujos que, lançando-se por mundos desconhecidos, construíram a gênese histórica de um povo brasileiro, de sua miscigenação e a preservação de seus mitos.

A “Nau Catrineta” de Rubem Fonseca — quem são esses canibais?

Petra Cristina Augusto

Várias posicionamentos são levantados em relação a vinculação arte realidade. O Movimento Antropofágico brasileiro representa uma contrapartida abrasileirante a modelos e atitudes europeizantes e a polêmica antropofagia presente nele pode ser estendida a uma vertente crítica da literatura brasileira. Trata-se de atitude que pode ser lida não só em momentos de ruptura formal mas em momentos de apropriação de temas do acervo da literatura do ex-colonizador europeu com o objetivo de contundentemente criticá-los ou desdobrá-los paralelamente fazendo emergir questões submersas no acervo da ex-colônia para rediscuti-las, contemporaneamente, em uma outra realidade social. Em nossa literatura, autores teceram textos cujos conteúdo possibilitaram a elaboração de um ferina antropofagia no sentido de gerar, a partir do conteúdo, uma destronização dos elementos de cultura dominadora.

A ficção de Rubem Fonseca pode fornecer-nos um exemplo de um desenvolvimento temático conciliado com o conceito de antropofagia como posicionamento crítico. A obra desse escritor é, em muito, uma resposta de como a arte pode provocar uma intervenção na realidade refletindo, critica ou especularmente, as condições contraditórias da vivência concreta e cotidiana. A escrita de Rubem Fonseca é considerada desmistificadora da realidade social vigente, assumindo um papel de denúncia e, em seu bombástico livro *Feliz Ano Novo* encontramos o conto “Nau Catrineta” cujo enredo problematiza uma questão cultural – o canibalismo.

Execrado pela cultura cristã, o alimentar-se de carne humana foi o que os europeus encontraram em outras culturas e consideram-nas inferiores ou subumanas. Para nativos indígenas ou africanos a ação

canibal consistia em um ritual sagrado cuja elaboração e consumação pressupunha aparatos específicos. Geralmente, o humano sacrificado era alguém considerado de qualidades destacáveis e a ação de comer de tal homem equivaleria a um processo de assimilação ou absorção das qualidades do inimigo; ao comê-lo, os participantes reconheciam, apreciavam e desejavam as qualidades dele. A ação canibal era ritualística e preenchida de sacralidade.

No conto, o autor, recontextualizando historicamente, recupera o episódio da ação canibal em uma outra cultura – a cultura racional cristã européia – através da lenda de uma nau que, no período das grandes navegações, perdera-se rumo a seu destino e seus tripulantes são obrigados, por questão de sobrevivência, a alimentarem-se dos companheiros mortos. O episódio lendário é encontrado na cultura oral das nações ibéricas contudo, no conto moderno, é retomado como um dado que ficou no seio de uma tradicional família portuguesa residente no Brasil. Espacialmente, Rubem Fonseca traz Portugal para o Brasil pois a casa da família apresentada em seu texto, funcionava como uma ilha e seus membros eram quatro mulheres velhas, as tias, uma empregada, também idosa, considerada como da família; o único varão é o rapaz, José - o aniversariante. A narrativa concentra-se na festa, ou melhor, *ritual* de comemoração, de 21º aniversário do jovem.

A peculiaridade ritualística de tal comemoração deve-se ao legado, compartilhado familiarmente, como diria Tia Helena: “Em nossa família somos carnívoros conscientes e responsáveis”. Tal herança de comportamento foi recebida de um antigo avô marinheiro da embarcação portuguesa homônima ao conto – Nau Catrineta. O 21º aniversário, a festa de emancipação, era o dia em que José, o primogênito, deveria executar o ritual antropofágico descrito no decálogo familiar e passaria ele então, a ser o chefe da casa, possuidor do anel e guardião dessa herança familiar revitalizada. A gênese do ritual fora o instinto de sobrevivência dos navegadores portanto, em sua origem difere do procedimento presente cultura indígena que ritualizara, a ação canibal, na esfera do sagrado.

A vítima escolhida para o sacrifício era Ermê, namorada brasileira de José; essa jovem é estudante de Letras: “Eu mesmo tenho de escolher e sacrificar a pessoa que vou comer no meu vigésimo primeiro ano de vida não é isso?” pergunta José. A jovem Ermê sente reflexos intuitivos de algum iminente acontecimento trágico, observa alguma estranheza na ocasião para qual estava presente: uma festa de aniversário cujo único convidado era ela e, quando apenas chegara a casa, estava “varada por um frio que não existia, a não ser dentro dela”.

A narrativa vai pontuando sutilmente elementos que marcam a ação da qual a jovem será vítima no entanto, a ingenuidade da moça não lhe permite perceber isso. Dentro da casa bonita porém, sombria, a conversa gira em torno da heróica genealogia, das “aventuras dos parentes que remontavam ao século XVI. Todos os primogênitos eram e são obrigatoriamente artistas e carnívoros, e, sempre que possível caçam, matam e comem a presa” diria tia Helena à jovem; tia Julieta é explícita: “já comemos até gente” e, a partir de então, narram para Ermê o episódio lendário da Nau Catrineta.

Por seu comportamento, conversa, traje e pelo próprio aspecto, as tias dão ao ambiente um tom macabro e funesto por meio de uma conversa quase mórbida ou, no mínimo, tenebrosa “dizendo que conheciam todos os romances marítimos que trataram do tema da Nau Catrineta”.

Desde tenra idade o órfão José, isolado do mundo, fora criado somente pelas tias “solteironas e implacáveis” que inculcaram-lhe paulatinamente os mandamentos da missão. No dia da festa “as tias retiraram seus mais pomposos vestidos de gala dos armários e baú”, e tia Julieta – um rosto magro e ossudo, nariz comprido e adunco, os lábios finos do desenho da feiticeira dos meus livros de fada da infância” era a guardiã do anel que pertenceria, daquele dia em diante, a José- tudo montado para a cena principal. Ermê interessa-se muito mais pelo lado artístico da família e desvirtua a conversação para esse tema. José atrai-lhe muito por ser poeta porém, o fato de ele não ter emprego preocupa-a. Na biblioteca, ambiente de intimidade, tanto para José, quanto para Ermê (ambos interessam-se pelas letras),

o casal consuma o ato sexual e José aceita casar-se com Ermê já sabendo que ela morreria.

Na relação Ermê/José entra um dado que desdobra o tema da violência em Rubem Fonseca – o erotismo. Segundo Affonso Romano de Santana: “na base do comportamento canibal, está um ambígua relação de amor e morte (...) o canibal ama tanto o seu próximo que o come, e não come senão aquilo que ama.” O erotismo da relação sexual entre Ermê e José não é descrito no conto, Rubem Fonseca transpõe essa descrição para o momento em que José come a carne de Ermê, após sacrificá-la sem dor, com um veneno implacável: “Não pusemos muito tempero para não estragar o gosto. Está quase crua, é uma pedaço da nádega, muito macio (...)O gosto de Ermê era ligeiramente adocicado, como vitela, porém mais saboroso” exclama José. Através da incorporação de Ermê ao organismo de José, a união dos dois, seu casamento, consuma-se. Conforme José prometera, comendo a carne da jovem, demonstra-lhe seu amor - une-se a ela para sempre.

Ao desdobrar a violenta ação canibal na esfera do erotismo, Rubem Fonseca denuncia o esvaziamento da sacralidade que tal ação sofrera na cultura cristã e registra a racionalizante preservação de um ritual. Apropriando-se da lenda do acervo do ex-colonizador europeu e inserindo-a na realidade local, brasileira, e histórica, século XX, Rubem Fonseca destroniza esse elemento da cultura dominante por denunciar-lhe a dessacralidade e o esvaziamento em paralelo ao ritual de culturas não cristãs. O ato canibal não é o fruto do esgotamento, via vulgarização, mas sim uma ação destituída de sentido sacro e constituída apenas da repetição. O episódio reproduz a violência histórica do sistema colonial: o colonizador conquista a terra, simbolicamente mulher, por uma motivação erótica, e, logo a seguir, devora-a.

A “Nau Catrineta”, de Rubem Fonseca, faz-nos, ancorados em nossa própria terra, vivermos a influência de outra e também faz-nos navegar num certa nau, em meio a vorazes e cultos canibais.

Divulgação : a missão

José Luiz Ribeiro

Durante quatro décadas o grupo Divulgação percorreu as trilhas do teatro, através da produção e difusão de espetáculos destinados a uma comunidade. Com mais de cem montagens e milhares de espetáculos apresentados nas mais diversas conformações cênicas, o Divulgação experimenta, cria e procura inovar. Reverenciou autores, celebrou eventos e dividiu muita emoção com os espectadores.

Com um repertório eclético, de alta significação, a história do teatro foi contada dos gregos aos autores contemporâneos nas montagens que procuram vivenciar o teatro em um determinado momento histórico. Um teatro político, com alta dose de ideologia, perseguiu momentos tensionados pela injustiça e pugnou por um espectador cidadão.

Hoje, o Centro de Estudos Teatrais possui inúmeros projetos de extensão. A *Escola de Espectador*, destinada a formar o público estudantil, é um dos mais importantes. Este projeto completa, este ano de 1999, seus quinze anos ininterruptos, serviu de modelo a outros semelhantes. Sua importância está em manter um crescimento quantitativo e qualitativo do público, tornando-o mais crítico.

o casal consuma o ato sexual e José aceita casar-se com Ermê já sabendo que ela morreria.

Na relação Ermê/José entra um dado que desdobra o tema da violência em Rubem Fonseca – o erotismo. Segundo Affonso Romano de Santana: “na base do comportamento canibal, está um ambígua relação de amor e morte (...) o canibal ama tanto o seu próximo que o come, e não come senão aquilo que ama.” O erotismo da relação sexual entre Ermê e José não é descrito no conto, Rubem Fonseca transpõe essa descrição para o momento em que José come a carne de Ermê, após sacrificá-la sem dor, com um veneno implacável: “Não pusemos muito tempero para não estragar o gosto. Está quase crua, é uma pedaço da nádega, muito macio (...)O gosto de Ermê era ligeiramente adocicado, como vitela, porém mais saboroso” exclama José. Através da incorporação de Ermê ao organismo de José, a união dos dois, seu casamento, consuma-se. Conforme José prometera, comendo a carne da jovem, demonstra-lhe seu amor - une-se a ela para sempre.

Ao desdobrar a violenta ação canibal na esfera do erotismo, Rubem Fonseca denuncia o esvaziamento da sacralidade que tal ação sofrera na cultura cristã e registra a racionalizante preservação de um ritual. Apropriando-se da lenda do acervo do ex-colonizador europeu e inserindo-a na realidade local, brasileira, e histórica, século XX, Rubem Fonseca destroniza esse elemento da cultura dominante por denunciar-lhe a dessacralidade e o esvaziamento em paralelo ao ritual de culturas não cristãs. O ato canibal não é o fruto do esgotamento, via vulgarização, mas sim uma ação destituída de sentido sacro e constituída apenas da repetição. O episódio reproduz a violência histórica do sistema colonial: o colonizador conquista a terra, simbolicamente mulher, por uma motivação erótica, e, logo a seguir, devora-a.

A “Nau Catrineta”, de Rubem Fonseca, faz-nos, ancorados em nossa própria terra, vivermos a influência de outra e também faz-nos navegar num certa nau, em meio a vorazes e cultos canibais.

Divulgação : a missão

José Luiz Ribeiro

Durante quatro décadas o grupo Divulgação percorreu as trilhas do teatro, através da produção e difusão de espetáculos destinados a uma comunidade. Com mais de cem montagens e milhares de espetáculos apresentados nas mais diversas conformações cênicas, o Divulgação experimenta, cria e procura inovar. Reverenciou autores, celebrou eventos e dividiu muita emoção com os espectadores.

Com um repertório eclético, de alta significação, a história do teatro foi contada dos gregos aos autores contemporâneos nas montagens que procuram vivenciar o teatro em um determinado momento histórico. Um teatro político, com alta dose de ideologia, perseguiu momentos tensionados pela injustiça e pugnou por um espectador cidadão.

Hoje, o Centro de Estudos Teatrais possui inúmeros projetos de extensão. A *Escola de Espectador*, destinada a formar o público estudantil, é um dos mais importantes. Este projeto completa, este ano de 1999, seus quinze anos ininterruptos, serviu de modelo a outros semelhantes. Sua importância está em manter um crescimento quantitativo e qualitativo do público, tornando-o mais crítico.

Através deste trabalho, várias escolas se viram incentivadas a criar seus grupos de teatro. Muitos alunos da rede pública estadual e municipal conheceram o teatro e graças a este incentivo escolheram os caminhos das artes cênicas como trilha para sua sensibilidade. No setor de cursos, três tipos de faixa etária foram contemplados em núcleos para adolescentes, Universitários e Terceira Idade.

Além dos cursos, surgiram também as montagens de complementação de áreas técnicas e teóricas. A pesquisa de uma metodologia própria para cada núcleo faz parte do desenvolvimento de estudos sobre a afetação do teatro. Anualmente o Divulgação se recicla em seminários como Os caminhos do Teatro, onde mantém contato com grandes especialistas de outros centros.

Exposições, palestras, seminários, cursos de corpo e musicalização fazem parte do cotidiano destes alunos. Além disso, surgem as oficinas de cenografia, figurino, iluminação e adereçaria, em que os membros do Divulgação aprendem a deslocar-se pelas mais diversas linguagens constitutivas das artes cênicas.

O teatro como instrumento de cidadania é o nosso compromisso. Durante estes trinta e três anos de luta varamos madrugadas, passamos por muitas dificuldades, mas procuramos ser fieis à nossa causa, a de tornar o teatro acessível a todas as classes sociais. A educação estética, social e política é o fim que buscamos, pois o teatro veio para unir os homens e nunca para torná-los sós.

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta **Viva a Nau Catarineta** de **Altimar Pimentel**

Diabos	Rónisson Reis, Márcia Falabella e Bárbara Bastos
Salóias	Cristina Braga, Alessandra Fernandes, Franciane Lúcia, Fátima Amorim e Rinará Souza.
Marujos	Júlio Andrade, Emerson Gonçalves, Marcos Araújo, Paulo Moraes e Frederico Monteiro
Capitão	Paulo Moraes
Mestre	Emerson Gonçalves
Padre	Marcos Araújo
Ração	Marise Mendes
Vassoura	Danúbia Figueira
Gajeiro	Fátima Amorim
Comandante e Dr.	Frederico Monteiro
Monstros do mar	Cristina Braga, Alessandra Fernandes, Franciane Lúcia e Rinará Souza
Músicas	José Luiz Ribeiro
Arranjos musicais	Dionísio Giovanini
Sonotécnica	Thiago Cabral
Iluminotécnica	Bianca Cores
Apoio	Luís Roberto Venâncio, Léa Lignani, Dalva Salazar, Waldete Belcavello e Nila Peralta
Figurino	Malu Ribeiro
Apoio Administrativo	Vigínia Fonseca
Cenário, Iluminação e Direção	José Luiz Ribeiro

GRUPO DIVULGAÇÃO ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina	João Cabral de Mello Neto
Coral Universitário	José Luiz Ribeiro (texto)
Belmiro, Murilo e Pedro Nava	José Luiz Ribeiro (colagem)
Camões	José Luiz Ribeiro (seleção)
A menina casadoira	Eugène Ionesco
Pic-nic no front	Arrabal
Sganarello	Molière
Lição de Molière	José Luiz Ribeiro
Farsa do Mestre Pathélin	Anônimo medieval
Manuel Bandeira, do Brasil	Malu Ribeiro (org.)
Molière	José Luiz Ribeiro
A incelença	Luiz Marinho
Oh! A mulher!	José Luiz Ribeiro
Os divertimentos do rei	José Eduardo Vendramini
Sertaneja	José Luiz Ribeiro
A Gata Borracheira	Maria Clara Machado
Sassaricando	José Luiz Ribeiro
A posada do Marreco Verde	José Luiz Ribeiro
Canto por Federico	M. Lúcia e José Luiz Ribeiro

TEATRO INFANTIL

A onça de asas	Walmir Ayala
O circo de bonecos	Oscar von Pfuhl
História de lenços e ventos	Ilo Krugli
Nem tudo está azul no país azul	Gabriela Rabelo
Guairaká	José Luiz Ribeiro
O embarque de Noé	Maria Clara Machado
D. Baratinha	José Luiz Ribeiro
A gema do ovo da ema	Sylvia Orthoff
A colcha do gigante	Zuleika Mello
Girassinho	José Luiz Ribeiro
Putz, a menina que buscava o sol	Maria Helena Kühner
A noite dos duendes	José Luiz Ribeiro
Bem do seu tamanho	Ana Maria Machado
Sonho Pirata	Liliana Neves
Passa, passa, assombração	José Luiz Ribeiro
D. Chicote Mula-Manca	Oscar von Pfuhl
O rouxinol do pescador	José Luiz Ribeiro
O caju encantado	Paula Schmidt
Estórias pra boi dormir	José Luiz Ribeiro
O carteiro do rei	Tagore/J. Luiz Ribeiro
O dragão verde	Maria Clara Machado
O mistério das nove luas	Ilo Krugli et alii
A chapeleira da Rua Azul	José Luiz Ribeiro
O patinho feio	Ronaldo Boschi
Guairaká (II)	José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Anton Tchekhov
Bodas de sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escurial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de um autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade

Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr.Getúlio, sua vida e sua glória	Dias Gomes e F.Gullar
O jardim das cerejeiras	Anton Tchekhov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol
Fausto	Goëthe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca
Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Souza
Canga	José Luiz Ribeiro
O mercador de Veneza	William Shakespeare
Era sempre primeiro de abril	José Luiz Ribeiro
O santo milagroso	Lauro César Muniz
Rasto atrás	Jorge Andrade
Todomundo	José Luiz Ribeiro
Édipo-Rei	Sófocles
O burguês fidalgo	Molière
Vereda da salvação	Jorge Andrade
Il teatro comico	Carlo Goldoni
Como se come um homem	S. Mrozek
A torre em concurso	J.Manuel de Macedo
O homem e o cavalo	Oswald de Andrade
A escada de Jacó	José Luiz Ribeiro
Cervantina	Miguel de Cervantes
O Devoto	José Luiz Ribeiro
O Príncipe Rufião	José Luiz Ribeiro
Viva a Nau Catarineta	Altimar Pimentel

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:
Profa. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 30 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que:

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”

Federico Garcia Lorca